

**ENTRE EGITO E AZANIA:
CONEXÕES AFRO-ASIÁTICAS A PARTIR DO PÉRIPLO DO MAR ERITREU**

*Otávio Luiz Vieira Pinto*¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os processos de contato e integração entre o nordeste africano e diferentes regiões da África e da Ásia, a partir, especificamente, de um texto anônimo do século I d.C. conhecido como *Périplo do Mar Eritreu*. Este documento, geralmente lido a partir de uma perspectiva romanocêntrica, será interpretado com base nos modelos analíticos da História Global. Com isso, espera-se mostrar que os portos egípcios do Mar Vermelho faziam parte de um ancestral sistema conectivo afro-asiático – do qual o Império Romano não foi o criador, mas sim um participante tardio.

PALAVRAS-CHAVE

Périplo do Mar Eritreu; África; história global; Azania.

¹ Professor de História da África na Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil). Professor no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. E-mail para contato: otavio.luiz@ufpr.br.

1. *Do Deserto ao Mar Vermelho: uma Introdução*

Cortando o Deserto Oriental Africano a partir da antiga cidade egípcia de Coptos (hoje Quft, no Egito), o vale de Wādī Hammāmāt era a rota mais curta entre o Nilo e o Mar Vermelho. Esta trilha, utilizada desde pelo menos o período pré-dinástico, desembocava em uma localidade hoje conhecida como el-Qoṣēr – onde, por volta do século III a.C., a administração ptolomaica do Egito construiu um porto que ficou conhecido como Myós Hórmos (Hikade, 2006, p. 154; Whitcomb, 1996, p. 747-748). Junto da cidade de Berenice Troglodítica, 300 quilômetros ao sul, Myós Hórmos ganhou renovada importância no século I a.C. porque dali partiam navios que desciam o Mar Vermelho e, cruzando o estreito de Bāb al-Mandab, chegavam ao golfo de Adem, a porta de entrada para o Oceano Índico – ou *Mar Eritreu*, como era chamado pelos gregos (Agatárquides, sobre o Mar Eritreu, 2a). Diante da dimensão aparentemente infinita do Mar Eritreu, os barcos de Myós Hórmos podiam seguir dois trajetos diferentes: um ao sul, que cabotava os empórios da *Azania*, nome grego dado a partes da costa oriental africana; e outro ao leste, que circundava o sul da Península Arábica e se encaminhava para a costa oeste do Subcontinente Indiano. Estes navios deixavam o Egito com produtos egípcios e mediterrânicos em seus porões e retornavam carregados de tecidos de seda, algodão fino, pedras preciosas, incenso, marfim, cascos de tartaruga e outros produtos de luxo que eram comprados ou barganhados no caminho (Périplo do Mar Eritreu, p. 13-14). Após a jornada de volta, as mercadorias eram desembarcadas em Berenice ou Myós Hórmos e seguiam, no lombo de camelos, até Coptos, de onde desciam o Nilo e chegavam até Alexandria, a metrópole importadora que disseminaria aquela carga preciosa entre as elites romanas.

Esta rota comercial, fundamental durante toda a primeira metade do I milênio d.C., foi bem descrita em uma pequena narrativa conhecida hoje como Périplo do Mar Eritreu (ou Περίπλους τῆς Ἐρυθρᾶς Θαλάσσης, *Períplous tēs Erythrās Thalássēs*, no original).² Escrito entre 40 e 70 d.C. por um mercador egípcio anônimo, o Périplo descreve as principais cidades portuárias entre o Egito, a Azania, a Arábia e a Índia, elencando os

² A versão utilizada foi preparada por Lionel Casson (1989) e conta com um comentário introdutório, aporte crítico, texto original em grego e tradução para o inglês. Todas as citações originais contidas neste artigo foram retiradas, portanto, desta edição. As traduções empregadas aqui são largamente baseadas na versão inglesa de Casson, mas contam com algumas pequenas modificações. As citações usaram a abreviação *Peripl. M. Eryt* e contaram com o número da página quando fizeram referência aos comentários de Casson ou com o número de seção quando fizeram referência ao texto original.

principais produtos trocados nessas localidades e dando dicas e sugestões práticas para seus leitores – provavelmente outros mercadores desejosos de integrar aquele lucrativo sistema. Usualmente, o Périplo do Mar Eritreu é lido de duas maneiras complementares: uma leitura revelaria a dimensão expansiva dos contatos e ligações romanas por regiões para além da bacia mediterrânea, e a outra serviria para que compreendêssemos a dimensão do conhecimento geográfico greco-latino (Schoff, 2010; Turner & Cribb, 2009; Wickramasinghe, 2018). Eventualmente, africanistas também se apoiam neste documento para oferecer uma terceira leitura – uma que explora a situação social e política da costa oriental da África antes do apogeu das cidades bantu popularmente designadas como *Swahili* (Chami & Msemwa, 1997; Horton, 1990).

Partindo destes três modelos interpretativos, este artigo tem por objetivo explorar uma quarta possibilidade: entender o Périplo do Mar Eritreu, focando especificamente em suas porções africanas, como uma narrativa derivada de um complexo sistema de contatos inter-regionais que, apesar de ter sido apropriado por romanos após a anexação do Egito ptolomaico, estava estabelecido desde períodos muitos anteriores. Esta leitura, baseada em uma perspectiva de Antiguidade Multipolar (Pinto, 2022), nos permitiria entender os processos integrativos entre diferentes regiões do continente africano – do nordeste nilótico até o leste índico – e, ao mesmo tempo, quebrar com o romanocentrismo que monopoliza as interpretações de documentação antiga e subordina os espaços não-mediterrânicos a uma periferia imperial. Em outras palavras, a rota índica que se inicia (ou termina, dependendo do ponto de vista) em Myós Hórmos seria menos um testemunho da globalidade romana e mais um atestado de conexões afro-asiáticas – das quais o Império Romano entra como participante tardio e não como protagonista.

2. *O Périplo do Mar Eritreu: Texto e Contexto*

Apesar de sua importância, o Périplo do Mar Eritreu está conservado em apenas um manuscrito original, o *Codex Palatinus Graecus* 398 (domiciliado na *Universitätsbibliothek*, em Heidelberg), entre os fólhos 40v e 54v. Este códice específico é datado do século X e foi recopiado entre os séculos XIV e XV no *Codex B.M. Add.* 19391, fols. 9r-12r, domiciliado no *British Museum*. A cópia britânica não possui autoridade própria, sendo uma versão exata do *Codex Palatinus*, incluindo os mesmos erros e marcações ortográficas. O texto está em grego koiné minúsculo e é de difícil compreensão não apenas pela natureza da narrativa e pela quantidade de palavras e termos não-gregos, mas

também pela má qualidade dos manuscritos anteriores em que se baseia e que não chegaram até nós – o próprio copista do século X admite estar trabalhando com uma versão precária do texto. A primeira versão impressa do Périplo foi lançada em 1533, mas a falta de familiaridade dos editores com a linguagem grega do material ocasionou emendas que afetaram demasiadamente a leitura e boa interpretação da narrativa. Somente em 1927, com a edição do linguista sueco Hjalmar Frisk, o Périplo do Mar Eritreu recebeu uma versão sólida e apta ao uso acadêmico (Peripl. M. Eryt., p. 5-6).

Originalmente, o texto foi escrito no século I d.C., e apesar da grande polêmica que ronda sua datação – alguns especialistas sugerem até mesmo o século III d.C. (Raunig, 1970, p. 231-242) –, a própria narrativa traz informações fundamentais para sua contextualização no tempo: o autor fala, por exemplo, de uma rota que segue “até Petra, para Malíco, rei dos nabateus” (Peripl. M. Eryt., 19.28-29);³ esta passagem se refere ao rei nabateu Malíco II, que reinou entre 40 e 70 d.C., fazendo com que o Périplo possa ser datado, com precisão, deste intervalo de 30 anos. Já com relação à autoria, não há a presença de qualquer nome ou indicação de quem o possa ter criado, mas o estilo revela a presença de um único escritor (não se trata, portanto, de uma obra compilada ou cotejada a partir de outros textos) e o conteúdo da narrativa nos leva a acreditar que este escritor era egípcio e possuía experiência prática nos mercados do Mar Vermelho e do Índico. Assim, é seguro afirmar que o Périplo do Mar Eritreu foi escrito por um comerciante egípcio na metade do século I d.C..

Dividido em 66 seções relativamente curtas, o texto é identificado como um *périplo* – algo evidente em seu título oficial. Périplos (do grego περίπλους, *periplous*, “navegar ao redor”) eram descrições geográficas detalhadas voltadas para uso náutico, da mesma forma que os *itineraria* romanos descreviam viagens terrestres (Purcell, 2015). Os périplos parecem ter sido de interesse especial de marinheiros e chefes de embarcação, e isso abre espaço para que questionemos se este seria o melhor gênero literário para identificar o Périplo do Mar Eritreu: sua narrativa é voltada, essencialmente, para o comércio (e não para a navegação em si), e seus comentários e análises seriam muito mais úteis para mercadores do que para navegadores. Dessa forma, é possível dizer que o título atribuído a essa obra é parcialmente enganoso, visto que estamos diante de uma “geografia comercial”, não necessariamente de um *périplo* no sentido mais clássica da palavra.

³ δι' ἧς ἐστὶν εἰς Πέτραν πρὸς Μαλίχαν, βασιλέα Ναβαταίων.

A preocupação comercial do Périplo do Mar Eritreu torna seu conteúdo bastante singular. O autor registra não apenas cidades portuárias de interesse mercantil nas orlas do Mar Vermelho e do Oceano Índico, mas também lista os principais produtos que poderiam ser adquiridos em cada localidade. Esta preocupação descritiva nos fornece escopo para propor análises que extrapolam o mero conhecimento geográfico de navegadores greco-romanos e egípcios: por exemplo, a quantidade de bens de luxo disponíveis no Subcontinente Indiano (pérola, turquesa, lápis lazúli, diamantes, safira, ônix, marfim, seda, peles chinesas, etc.), quando comparada com a quantidade de produtos disponíveis na Azania ou na Arábia, revela a centralidade econômica indiana neste sistema comercial macroregional (Peripl. M. Eryt., p. 16). De forma semelhante, essas listas de bens podem estabelecer importante diálogo com diferentes culturas materiais (mediterrânicas, africanas ou asiáticas) ou com certos aspectos de História Econômica, como consumo de luxo no Império Romano ou no nordeste africano.

3. *A África Conectada: a Azania sob Olhares Egípcios*

O Périplo do Mar Eritreu dedica suas primeiras 18 seções para a descrição dos portos e produtos da costa africana – iniciando em Myós Hórmos, a pouco mais de 200 quilômetros ao leste de Luxor – e seguindo até Rhapta, o último grande empório da Azania “pois”, segundo o autor, “além dessa área, fica o oceano inexplorado que se dobra para o oeste e, estendendo-se ao sul ao longo das partes da Etiópia, da Líbia e da África, que se desviam, junta-se ao mar ocidental” (Peripl. M. Eryt., 18.21-25).⁴ Este trajeto africano é dividido em duas partes: 1) Egito, com os portos de Myós Hórmos e Berenice Troglodítica; e 2) a Terra dos Bárbaros, ou *Barbária*. A Barbária, por sua vez, é dividida informalmente em duas grandes zonas: 1) os domínios do rei Zoscales, que vão desde a região mais ao norte, habitada por grupos identificados apenas como “comedores de peixes” (ἰχθυοφάγοι, *ichthyophágoi*) ou “comedores de animais selvagens” (αγριοφάγοι, *agriophágoi*), além da pequena cidade portuária de Ptolemaís Thérōn, até a região mais ao sul, identificada historicamente com o Império de Axum, e que incluía o porto de Adúlis, a cidade interiorana de Koloē (ou Qohaito, identificada como o primeiro posto comercial para marfim), a grande capital régia de Axōmitēs (Axum), e a cidade de

⁴ ὁ γὰρ μετὰ τούτους τοὺς τόπους ὠκεανὸς ἀνερεύνητος ὄν εἰς τὴν δύσιν ἀνακάμπει καὶ τοῖς ἀπεστραμμένοις μέρεσιν τῆς Αἰθιοπίας καὶ Λιβύης καὶ Ἀφρικῆς κατὰ τὸν νότον παρεκτείνων εἰς τὴν ἐσπέριον συμμίσγει θάλασσαν.

Kyēneion (Peripl. M. Eryt., 2-6); e 2) os portos “distantes” (mais especificamente, portos “do outro lado” – πέρᾱν, *pérān*, no original), que incluíam empórios como Avalitēs (hoje Zeilá, na Somália), Malaō (hoje Berbera, na Somália), Mundu (hoje Heis, na Somália), Mosyllon (hoje Bosaso, na Somália), e, ultrapassando o Cabo Guardafui, empórios como Tabai (possivelmente Chori Hordio, na Somália), Opōnē (hoje Ras Hafun, na Somália) e, finalmente, Sarapiōn (possivelmente Mogadíscio, na Somália), Nikōn (possivelmente Burr Gavo, na Somália) a ilha Menuthias (possivelmente Zanzibar) e Rhapta (possivelmente algum lugar nas proximidades de Dar es Salaam, na Tanzânia) (Peripl. M. Eryt., 7-17).⁵

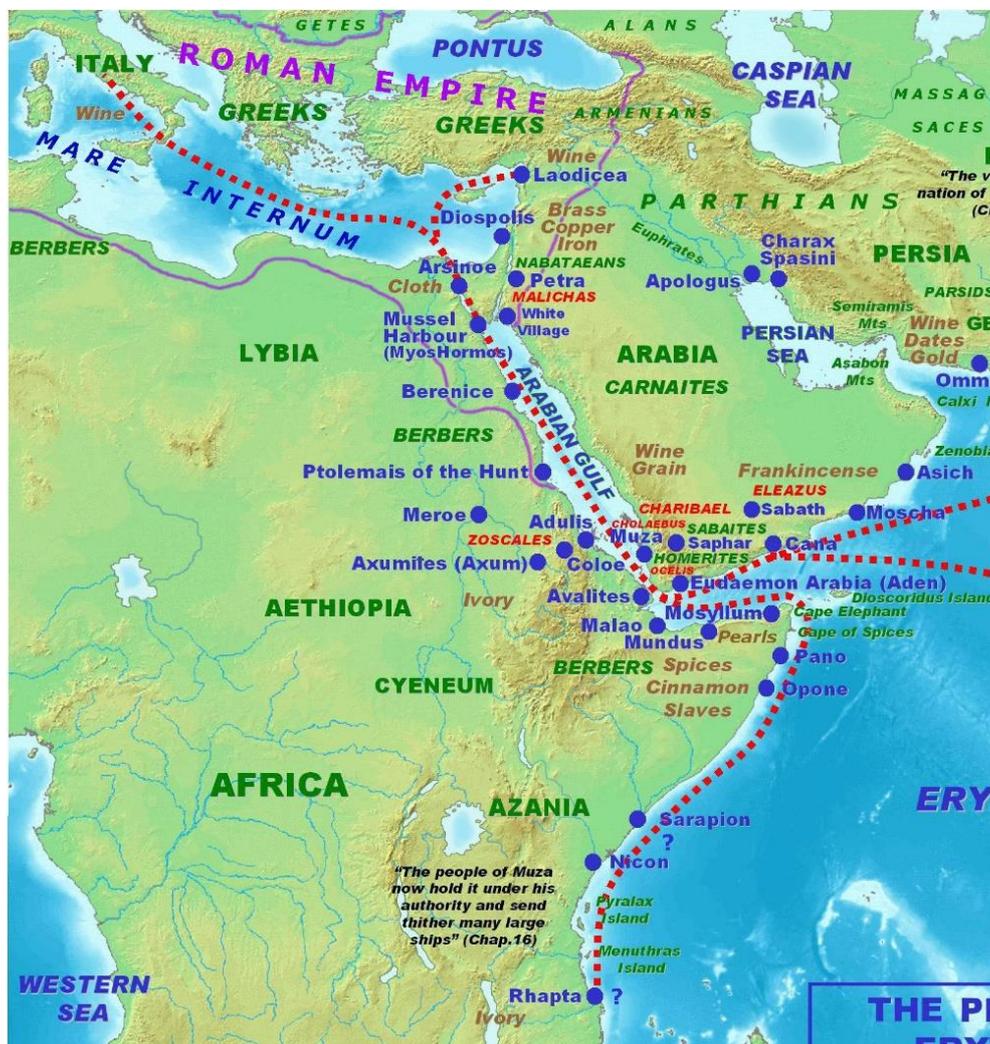


Figura 1. mapa do “trecho africano” descrito no Périplo do Mar Eritreu.

Fonte: PHGCOM (2007). Locations, names and routes of the Periplus of the Erythraean Sea (1st century CE). *Wikimedia Commons* sob licença GNU Free Documentation License.

⁵ Nem todos os portos mencionados no Périplo podem ser localizados com certeza. Alguns deles, em especial aqueles da Azania, são suposições baseadas em evidência incidental (Cassol, 1986).

O Périplo menciona, então, localidades nos atuais Egito, Sudão, Eritreia, Etiópia, Somália e Tanzânia (incluindo Zanzibar). Destes portos, os principais produtos que poderiam ser adquiridos eram marfim, cascos de tartaruga, chifres de rinoceronte, perfumes, mirra, incenso, cássia, conchas de nautiloides e pessoas escravizadas (Peripl. M. Eryt., p. 16). Além disso, o texto também traz algumas informações acerca dos habitantes destas regiões: o rei Zoscales, por exemplo, é descrito como “metódico com suas posses e sempre esperando conseguir mais, mas em outros aspectos uma boa pessoa e bem versada na leitura e escrita do grego” (Peripl. M. Eryt., 5.20-22);⁶ os habitantes de Avalitēs são chamados de “rebeldes” (ἀτακτότεροι, *ataktóteroi*) (Peripl. M. Eryt., 7.21); e sobre os habitantes de Rhapta, a narrativa comenta que “homens muito corpulentos, lavradores do solo, habitam a região; estes se comportam, cada um em seu lugar, como chefes” (Peripl. M. Eryt., 16.6-8).⁷ Contudo, além destas observações diretas, outros pontos importantes sobre a Azania podem ser depreendidos das entrelinhas do texto.

O primeiro deles diz respeito aos produtos comercializados nos portos leste-africanos. O Périplo comenta que, a partir dos portos de Avalitēs e Malaō – isto é, Zeilá e Berbera –, exportavam-se perfumes, mirra de altíssima qualidade, incenso, *duaka* (um produto desconhecido), *kankamon* (um tipo de resina aromática) e *makeir* (uma casca de árvore originalmente asiática e similar à cássia) (Peripl. M. Eryt., 7 a 8). Alguns destes bens, como *duaka*, *kankamon* e *makeir* eram enviados para a Arábia, indicando, portanto, uma movimentação constante entre África e Ásia através do golfo de Adem. Este é um fenômeno interessante porque ele certamente precede o Périplo em muitos séculos: desde pelo menos os tempos do faraó Sauré (século XXV a.C.) da Quinta Dinastia, o Egito importava “produtos exóticos” de um reino (possivelmente africano) conhecido como *Terra de Punt* (Phillips, 1997, p. 426). Os principais produtos exportados por Punt eram perfumes, incensos e resinas aromáticas, além de ouro, marfim e obsidiana – um famoso relevo do templo mortuário de Hatshepsut, inclusive, traz uma representação da Terra de Punt e, em sua paisagem, encontram-se palmeiras e árvores de incenso ou mesmo de mirra, de acordo com Kathryn Bard e Rodolfo Fattovich (2013, p. 7).

Portanto, durante muito tempo (quase mil anos separam Sauré de Hatshepsut), o Egito importou, de outro reino africano, produtos listados pelo Périplo do Mar Eritreu

⁶ ἀκριβῆς μὲν τοῦ βίου καὶ τοῦ πλείονος ἐξεχόμενος, γενναῖος δὲ περὶ τὰ λοιπὰ καὶ γραμμάτων Ἑλληνικῶν ἔμπειρος.

⁷ Μέγιστοι δὲ ἐν σώμασιν περὶ ταύτην τὴν χώραν ἄνθρωποι ὄρατοι κατοικοῦσιν καὶ κατὰ τὸν τόπον ἕκαστος ὁμοίως τιθέμενοι τυράννοις.

como bens de luxo encontrados eminentemente nos portos das atuais Eritr ia e Somália – o que poderia conceder força para o usual argumento de que Punt estaria localizada em algum lugar dessa região (Balanda, 2006, p. 33-44).⁸



Figura 2. Relevos da expedi o egípcia   Terra de Punt, presente no templo mortuário de Hatshepsut em 'ad-dayr al-Ba r , representando palmeiras e árvore de mirra.

Fonte: Bernhard, Hans (1976).  gyptische Expedition nach Punt w hrend der Regierung von Hatshepsut. *Wikimedia Commons* sob licença GFDL-CC-BY-SA-all.

Para além desta conexão interafricana entre o nordeste egípcio e a costa da Eritr ia e da Somália,   possível argumentar também em favor de uma conectividade deste circuito tanto com o sul quanto com o norte da Arábia: desde pelo menos o início do segundo milênio a.C., caravanas comercializavam incenso do atual Iêmen até o Levante a partir de caminhos terrestres através do deserto  rabe (a chamada “Rota do Incenso”), e até o Egito através de navega es que, segundo Abdel-Aziz Saleh, partiam de algum porto

⁸ Apesar das poucas referências textuais e arqueológicas sobre a Terra de Punt no contexto egípcio, esta localidade chama a aten o da historiografia – algo perceptível quando se nota a quantidade considerável de trabalhos que exploram este reino africano e, mais especificamente, sua conexão com o Egito. Para mais sobre Punt, ver Bard & Fattovich, 2018; Bradbury, 1996; Creasman, 2014; Manzo, 2011; O’Connor & Quirke, 2003.

da Arábia Central até um porto egípcio nas imediações de Coptos – isto é, a Myós Hórmos ptolomaica (1973, p. 370-382). Obviamente, muitos destes trajetos propostos pela historiografia são especulativos, mas há evidência o suficiente para sugerir tráfego constante entre o sul da Arábia, o Chifre da África e o Egito datando do segundo ou até mesmo do terceiro milênio a.C. (Brozyna, 1999, p. 1-5). É interessante notar não apenas a existência destas trocas, mas também o fato de que os produtos e os portos envolvidos nestas trocas são basicamente os mesmos citados, milênios depois, no Périplo do Mar Eritreu.

Não são apenas as resinas aromáticas, o incenso e a mirra que revelam contato integrativo afro-asiático, mas há também evidências políticas para tanto. Sobre Rhapta (cidade que estava localizada nos arredores de Dar es Salaam, na atual Tanzânia), o Périplo afirma que

a região está sob o mando do governador de Mapharitis, uma vez que por algum direito antigo é sujeita ao reino da Arábia como primeiramente constituído. Os comerciantes de Muza o detêm por meio de uma concessão do rei e cobram impostos a partir dele. Eles enviam para lá embarcações mercantes que trabalham principalmente com capitães e agentes árabes que, por meio de relações contínuas e casamentos mistos, estão familiarizados com a área e sua linguagem (Peripl. M. Eryt., 16.8-13).⁹

Mapharitis, aqui, indica a província de al-Ma‘afir, no atual Iêmen, enquanto *Muza* se refere a cidade de al-Mukhā (‘Abdullah, 1995, p. 259-261). O governador de al-Ma‘afir, segundo o Périplo, era um certo Kharibaél, identificado por especialistas como o rei sabeu Karib’íl Bayān (Robin, 1991, p. 23). Como chefe do reino de Sabá (Iêmen), Karib’íl possuía prerrogativa sobre os comerciantes árabes de al-Mukhā e, por meio deles, exercia autoridade e controle fiscal sobre Rhapta – e provavelmente sobre a Azania como um todo. Em outras palavras, os portos “distantes”, isto é, aqueles localizados para além do Cabo Guardafui, não apenas faziam comércio com a Arábia como eram controlados (ou ao menos tributários) de rei sabeu. Ademais, como o próprio texto indica, este

⁹ Νέμεται δὲ αὐτήν, κατὰ τι δίκαιον ἀρχαῖον ὑποπίπτουσιν τῇ βασιλείᾳ τῆς πρώτης γενομένης Ἀραβίας, ὁ Μοφαρίτης τύραννος. Παρὰ δὲ τοῦ βασιλέως ὑπόφορον αὐτήν ἔχουσιν οἱ ἀπὸ Μούζα καὶ πέμπουσιν εἰς αὐτήν ἐφόλκια, τὰ πλείονα κυβερνήταις καὶ χρειακοῖς [καὶ] Ἄραβιν χρώμενοι τοῖς κατὰ συνήθειαν καὶ ἐπιγαμβρείαν ἔχουσιν ἐμπείροις τε οὖσιν τῶν τόπων καὶ τῆς φωνῆς αὐτῶν.

controle era exercido desde muito tempo, provavelmente desde a formação do reino de Sabá (na opinião do autor do Périplo).¹⁰ Esta elocubração política está de acordo com evidências arqueológicas muito anteriores que apontam para uma influência (ou mesmo domínio) sabeu sobre o reino africano de Da‘emat. Da‘emat (usualmente grafado como *D‘mt*) floresceu entre os séculos X e V a.C. ao redor de sua capital, localizada na atual Yeha, Etiópia. As escavações arqueológicas em Yeha revelaram não somente estilos arquitetônicos muito semelhantes àqueles de Sabá no mesmo período, como também um templo dedicado ao deus lunar ‘Ilmuqāh, uma divindade de origem sabeia e cultuado no sul da Árabia (Contenson, 2010, p. 352-368). Havia intensa troca política e cultural, portanto, entre Da‘emat e Sabá. Levando-se em consideração que Yeha fica no caminho entre o antigo porto de Adúlis e Axum, não é exagero argumentar que as relações ancestrais do Iêmen não eram somente com a Azania, mas também com partes da Eritreia e Etiópia – ou seja, com a região que o Périplo do Mar Eritreu identifica como sendo os domínios de Zoscales.

Dessa forma, analisando especificamente a “porção africana” do Périplo, fica evidente que os produtos, portos e trajetos indicados pelo comerciante egípcio anônimo não são uma novidade ptolomaica ou mesmo romana. O comércio interafricano, do Egito à Punt, tinha mais de dois mil anos quando Myós Hórmos é rebatizada pelos governantes ptolomaicos; de forma semelhante, um certo nível de triangulação mercantil entre o Egito, o Chifre da África e a Península Arábica já perdurava por mais de mil e quinhentos anos quando os romanos dominam o Egito. É bastante provável, então, que o Périplo esteja tão somente sistematizando, em forma de narrativa, um sistema conectivo ancestral.

Por certo, esta conclusão não é uma novidade. É sabido que já no final do terceiro milênio a.C., o Egito estava muito bem conectado a uma rede comercial que incluía o Levante, a Núbia, o Saara Oriental e o Mar Vermelho (García, 2016, p. 97-99). No início do segundo milênio a.C., navios árabes, mesopotâmicos e indianos já circulavam ao redor do Oceano Índico (Peripl. M. Eryt., p. 11). Poderíamos ir ainda mais longe e notar como o lápis lazúli minerado na região do Badaquistão (atuais Afeganistão, Tajiquistão e China) chegava ao Egito e à Mesopotâmia desde 3000 a.C. por meio de, ao menos, três rotas distintas: duas terrestres, pelo norte e pelo sul do planalto iraniano, e uma por mar, passando pelo golfo pérsico e outros portos da península arábica (Huang, 2018, p. 391-

¹⁰ O chamado reino de Sabá possui historicidade complexa e datação pouco precisa. Sabe-se que Sabá surge como um grupo político-identitário entre o segundo e o primeiro milênio a.C. e logo ganha força na região do atual Iêmen (Korotayev, 1996).

393). Contudo, diante destas informações, o Périplo do Mar Eritreu comprova que todas estas rotas afro-asiáticas não são apenas antiquíssimas, mas também longevas, uma vez que perduraram até o período romano e continuaram sendo utilizadas. Se, então, o Périplo do Mar Eritreu é apenas a ponta ínfima de um *iceberg* milenar de trocas, bens de luxo e conexões que sobreviveram a mudanças políticas e diferentes contextos sociais, é importante reavaliar o peso histórico destes fenômenos integrativos – e, neste sentido, modelos analíticos advindos dos debates acerca de História Global podem ser bastante úteis.

4. *Sistemas e Mundos: conexões Afro-Asiáticas*

A História Global, enquanto campo mais ou menos delimitado, constitui-se nas últimas décadas do século XX – florescendo, contudo, de raízes metodológicas mais antigas que recuam aos anos 1960 e 1970 (Conrad, 2019). Apesar de referenciada aqui como campo, a História Global poderia ser melhor entendida como uma perspectiva de fenômenos históricos baseadas em um conjunto variado de modelos analíticos. Isso significa que, em primeiro lugar, sua premissa é pensar o desenvolvimento histórico não a partir de unidades políticas “nacionais”, tão caras aos métodos historiográficos do final do século XIX e começo do século XX, mas sim a partir da interação de conjuntos locais, regionais, macrorregionais ou continentais – propõe-se uma História, então, com menos centros e menos periferias. Assim, como aponta Uiran Gebara da Silva,

a história global não é só a escrita de uma narrativa global sobre tudo no globo desde o começo dos tempos, e sim o estudo daquelas articulações em nível inter-regional, macrorregional ou global, que devem ser pertinentes para o estudo de um fenômeno histórico específico. (2019, p. 476)

Para melhor apreciar estas articulações de diferentes níveis, diversos métodos e modelos podem ser considerados integrantes da designação “História Global”. Júnior e Sochaczewski, por exemplo, listam doze estratégias historiográficas globais: História Comparada, História Relacional, Nova História Internacional, História Transnacional, História Oceânica, Sociologia Histórica, Análise Civilizacional, Abordagem Sistema-Mundo, História Global *per se*, História da Globalização, História Mundial e *Big History* (Júnior & Sochaczewski, 2017, p. 48-49). Cada uma destas estratégias conta com

ferramentas próprias e, igualmente, com críticas específicas que variam desde a constatação de que é impossível fazer verdadeiramente História Global até a acusação de que a História Global, como um todo, é uma versão moderna, atraente e envernizada das antigas Histórias Universais anteriores ao século XIX (Fillafer, 2017, p. 4). Tanto entre os proponentes como entre os críticos da História Global, contudo, um ponto eventualmente emerge como consensual: este campo é mais frutífero quando aplicado ao mundo Moderno após a abertura do Atlântico e o engatinhar do capitalismo insipiente (Silva, 2020, p. 5-6). Em outras palavras, não é incomum que se alegue que a História pré-Moderna (ou, mais tradicionalmente, a História Antiga e a História Medieval) não possui os elementos necessários (documentais, materiais, ideológicos, geográficos, etc.) para ser pensada a partir das estratégias da História Global. Como bem demonstrado recentemente por Marcelo Cândido (2020), Fabio Morales e Uiran Gebara da Silva (2020), este argumento nada mais é do que um mito. A História pré-Moderna pode ser vista a partir da perspectiva global porque, como vimos, este “global” tende a designar o entendimento de diferentes níveis de integração – e não uma História Total de todo o globo.

O sistema integrativo afro-asiático, como dito, é um bom exemplo destas articulações “globais”. Ele inclui variadas estruturas políticas com maior ou menor influência regional em diferentes períodos, evidências materiais e textuais, rotas estabelecidas e verificáveis e, acima de tudo, diferentes níveis de contato. Ao mesmo tempo em que o sistema afro-asiático é um bom exemplo de História Global, a História Global em contrapartida também traz benefícios para a análise deste contexto porque traz acurácia metodológica e uma maior capacidade crítica. Vejamos, então, o que isto significa.

A historiografia que trata do comércio de longa distância tende a fazê-lo a partir de um centro específico: Egito faraônico, Mesopotâmia, Império Romano, península arábica, etc. Pensar contatos a partir de um ponto de chegada (ou saída) certamente facilita a organização das evidências e dos argumentos, mas se aproxima perigosamente de uma História feita a partir de uma unidade política (uma unidade “nacional”, metafórica ou literalmente) – a antítese da proposta de História Global. Não apenas isso, mas a análise centrada na unidade política pode também escamotear as *etapas intermediárias* das articulações e contatos. Assim, no caso do Périplo do Mar Eritreu, por exemplo, há uma vasta literatura sobre Rhapta porque, em grande medida, esta cidade da Azania representa os limites do conhecimento geográfico greco-romano e o *ponto final* de uma rota que, do

ponto de vista narrativo, parece correr linearmente de Myós Hórmos até o último empório da África Oriental (Dato, 1970; Kirwan, 1986; Valerian & Chami, 2019). A partir dos modelos da História Global, contudo, podemos perceber que não há *uma rota* africana que vai do Egito ao sul da Azania, mas sim *um conjunto de rotas* que se relacionam entre si e que compõe um sistema mais amplo e abrangente. Assim, a trajetória de Myós Hórmos e Berenice até Adúlis, ou de Adúlis até Avalitēs, ou de al-Mukhā até Rhapta compõe realidades próprias que podem ser mais bem avaliadas quando colocadas tanto na dimensão *micro* quanto na dimensão *macro*. Dito de outra forma, a *visão linear* que une Myós Hórmos na partida e Rhapta na chegada trabalha com uma ideia mais ou menos estática de centro e periferia: o centro é o Egito sob dominação romana (logo, o Império Romano) e a periferia são os portos africanos até o último deles. Já a *visão global* possui um centro flexível e, por consequência, periferias móveis, já que o centro se torna submetido ao foco de análise e não o contrário: se o foco é Adúlis, o centro é um, se o foco é Rhapta, o centro é outro – e o mesmo vale para o que se entende como periferia. Dessa maneira, o próprio Império Romano poderia se tornar uma periferia a partir da perspectiva de al-Mukhā e Rhapta ou de Adúlis e o reino de Sabá.

Esta é uma das contribuições da História Global para a compreensão do sistema integrativo afro-asiático, portanto: não o enxergar como um sistema centralizado nos polos de poder mais conhecidos, mas entendê-lo como a somatória de um conjunto variado de diferentes níveis de contato entre diferentes pontos. Afinal, tão fundamental quanto a *etapa inicial* ou *etapa final* de trajetos conectivos são as *etapas intermediárias*. Ademais, ao rompermos com a centralização de certos polos – e consequentemente, com a noção de uma “linearidade” de contatos –, os caminhos de interação também se tornam absolutamente mais complexos. Esta afirmação pode ser visualizada na pesquisa de Eivind Seland, que analisou o Périplo do Mar Eritreu a partir de uma abordagem de rede (2016). O autor entende que o Périplo designa uma *ligação de redes sobrepostas* que podem ser vistas diretamente ou conjecturadas indiretamente através de uma análise quantitativa dos portos citados e dos bens de luxo trocados (Seland, 2016, p. 194). Ou seja, seu foco de análise não é estático e centralizado, mas opera com uma multiplicidade de nodos e levantamentos quantitativos que o permitem desenhar um cenário muito mais pulverizado. Vejamos, por exemplo, um gráfico com seus resultados:

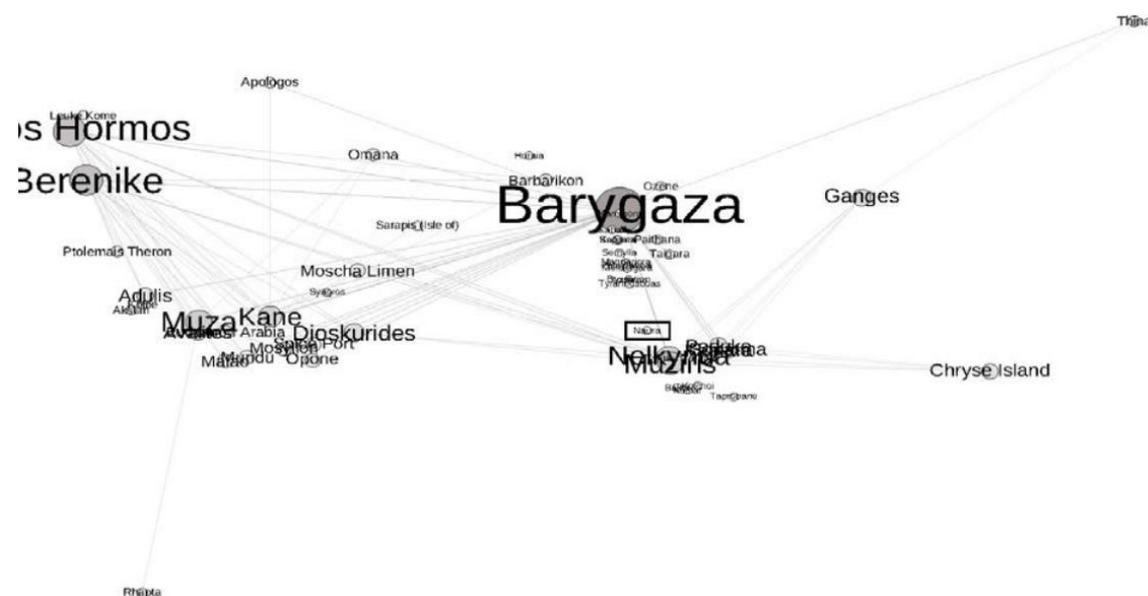


Figura 3. Gráfico de rede representando conexões dos portos mencionados no Périplo do Mar Eritreu.

Fonte: (Seland, 2016, p. 199).

Apenas ao criar um gráfico de rede com as conexões entre portos exatamente como descritas no Périplo, Seland propõe um modelo de visualização que imediatamente complexifica o sistema afro-asiático. Em primeiro lugar, é possível notar ao menos quatro eixos aglutinadores: o maior deles é o eixo noroeste indiano centrado em Barygaza – como o trajeto indiano do Périplo não entra no escopo deste artigo, a importante cidade de Barygaza (hoje Bharuch, no Gujarat, Índia) não foi discutida aqui; o segundo maior é o eixo egípcio baseado em Myós Hórmos e Berenice; o terceiro maior é o eixo árabe, centrado em Muza/ al-Mukhā; e o quarto maior é o eixo sul indiano, baseado nos portos de Nelkynda e Muziris. É importante perceber que estes quatro eixos aglutinadores não são *etapas em um trajeto linear*, mas operam, em maior ou menor medida, conexões variadas e independentes entre si. É perceptível também que não são apenas os grandes nodos de Barygaza ou Myós Hórmos que dinamizam os contatos, mas *quase todos os portos são conectados entre si* em diferentes níveis – com exceção de alguns empórios, como Rhapta, na Azânia, que possui ligação somente com o eixo árabe.

O gráfico de rede acima, contudo, representa as conexões somente em um nível geográfico. O sistema integrativo afro-asiático se dá essencialmente em um plano mercantil, e por isso os bens trocados são tão fundamentais quanto os agentes comerciais.

Ao incluir as conexões portuárias, mas também o trânsito de diferentes bens, este é o resultado:

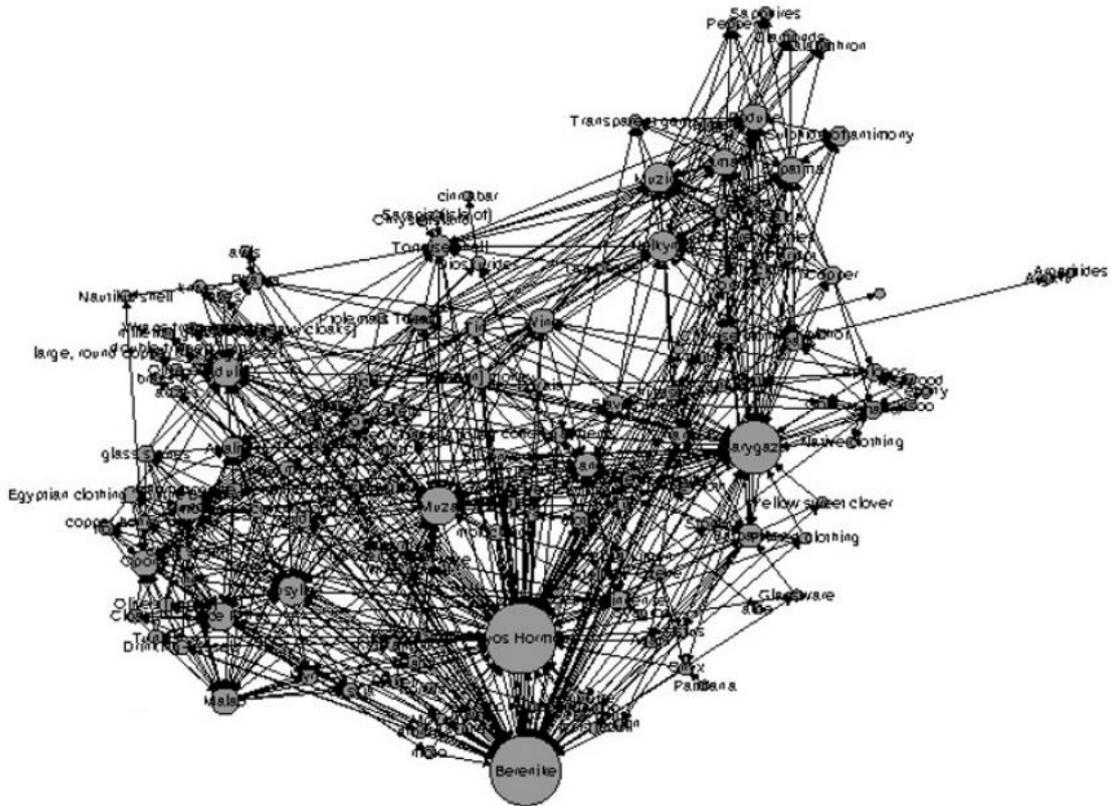


Figura 4. Gráfico de rede representando as conexões entre portos e produtos citados no Périplo do Mar Eritreu.

Fonte: (Seland, 2016, p. 201)

O gráfico acima representa o movimento de bens de luxo descritos no Périplo. O tráfego e os múltiplos pontos de conexão são tão dinâmicos que a visualização se torna até mesmo poluída. Ademais, fica evidenciado que diferentes leituras do documento geram resultados bastante diferentes: se lido como uma narrativa romanocêntrica, o Périplo do Mar Eritreu descreve as possibilidades comerciais do Império Romano no Oceano Índico; se lido como um exemplo do sistema conectivo afro-asiático *a partir dos agentes sócio-políticos* (cidades, portos e empórios), o Périplo descreve a longevidade de rotas e contatos milenares das quais o Império Romano é apenas o participante tardio; se lido como um texto descentralizado (a partir, por exemplo, da História Global) que toma *os bens de luxo como foco de análise*, o Périplo abre um universo muito mais amplo e

complexo que não exclui, necessariamente, as conclusões anteriores, mas que permite visualizar com muito mais precisão a complexidade dos diferentes níveis e modelos integrativos.

5. *Sistemas e Mundos: Notas de Conclusão*

Segundo Gary Young, “o *Periplus Maris Erythraei* é um documento de vital importância no estudo das trocas romanas do Mar Vermelho com a Arábia, a Índia e a África” (1997, p. 266). Em concordância, Roberta Tomber diz que “a relação entre o mundo romano e o sul da Arábia é bem documentada em textos clássicos [...] como o *Periplus Maris Erythraei*” (2004, p. 351). Já no que diz respeito a autoria, Pascal Arnaud afirma que “a origem social do autor do Périplo [deve] ser buscada mais em um meio latino helenizado (ou grego latinizado) do que no Egito” (2012. P. 58). Young, Tomber e Pascal, em maior ou menor medida, reproduzem percepções consensuais – ou, talvez, *automáticas* – que podem ser encontradas em quase toda a produção sobre o Périplo do Mar Eritreu: trata-se de uma obra que fala sobre o Império Romano e foi escrita por um autor “helenizado”/“romanizado”. Não há, de minha parte, nenhuma crítica mais contundente ao fato de que, por definição, historiadores e historiadoras tendem a ler fontes escritas em grego e latim como reflexões acerca dos mundos gregos e latinos – isso certamente é verdadeiro. Contudo, munidos do devido aporte crítico, podemos ler estes documentos *além* (ou talvez, ler *além* dos documentos) e perceber as informações que se revelam nos silêncios e entrelinhas. Numa análise de escopo geográfico mais expansivo, não questionar o romanocentrismo (ou o helenocentrismo) das próprias fontes significa, acima de tudo, repeti-las e não necessariamente analisá-las.

Especificamente com relação ao documento aqui exposto, lê-lo tão somente como um testemunho do comércio romano não é um erro, mas certamente é um reducionismo. Num primeiro momento, não explorar as potencialidades analíticas desta fonte pode não parecer grave, mas as consequências podem ser perigosas: por exemplo, pensar o sistema afro-asiático como “comércio romano” pode distorcer a relevância da Índia, do Sul da Arábia ou de Axum neste contexto, alimentando ainda mais uma importância que o Império Romano não necessariamente tinha.

O romanocentrismo pode ser incidental (por exemplo, se o objeto do pesquisador ou pesquisadora for o Império Romano, naturalmente sua leitura será mais romanocêntrica), pode advir de uma carência crítica no trato documental, mas pode

também ter uma origem ideológica mais insidiosa: a ideia de que Roma seria o centro absoluto da civilização. Esta leitura não tende a ser, necessariamente, proposital, mas é preciso lembrar que a História, enquanto ciência, nasce a partir de uma visão de mundo hierárquica, onde o Ocidente é superior e a *sua* experiência histórica se transforma na *experiência histórica universal* (Morales & Silva, 2020, p. 127-128). Não é necessário, aqui, desenvolver uma crítica à genealogia da historiografia universitária, mas é preciso lembrar que na medida em que esta historiografia *universaliza* a experiência ocidental, então é esperado que a experiência romana também acabe sendo universalizada.

Em oposição ao romanocentrismo que ainda emerge de muitos estudos acerca do Périplo do Mar Eritreu, este artigo propôs entender este documento como um caminho de crítica. Por meio de ideias postas pela História Global, é possível ler o Périplo a contrapelo e situá-lo como uma peça em um quebra-cabeça conectivo complexo e ancestral. Esta reorientação de foco, em minha opinião, gera alguns bons frutos, os quais elenco aqui à guisa de conclusão.

Primeiro, e mais óbvio, é a descentralização. Como dito, através do Périplo é possível perceber que o Império Romano *não era* o principal protagonista do sistema afro-asiático. Em termos quantitativos, o Subcontinente Indiano movimentava mais bens de luxo e também enriquecia mais com o comércio.

Segundo, as rotas usuais do sistema afro-asiático não eram uma imposição ou invenção dos ptolomaicos e nem dos romanos. Há evidência o suficiente, tanto no Périplo como em outros documentos textuais e materiais, para que percebamos que as rotas ali descritas precediam a hegemonia mediterrânica greco-latina em séculos – ou mesmo milênios. Os mesmos portos e os mesmos produtos do Périplo já circulavam pelo Oceano Índico desde pelo menos o final do terceiro e começo do segundo milênio a.C..

Terceiro, através desta leitura descentralizada (e apoiados na História Global), é possível pensar o sistema afro-asiático – tanto no passado quanto no período do Périplo – como uma *somatória de rotas* e não como uma *rota linear*. Isto significa que os portos da África, da Arábia e da Índia não funcionavam como pontos de parada entre o começo e o fim de uma rota. Na verdade, cada um destes portos funcionava como um centro do qual partiam diferentes produtos para variados trajetos. Somando a conectividade criada por cada cidade e por cada empório, chegamos à ideia de um sistema afro-asiático. Este sistema, portanto, é menos homogêneo e mais complexo do que se depreende inicialmente.

Por fim, a desmistificação da ideia de uma rota única, do Egito Romano à Índia, e a proposta de um *sistema integrativo de rotas* nos leva a mais alguns desdobramentos importantes. Um deles, já explicado acima, é a “desromanização” da Antiguidade: a possibilidade de se entender um conjunto de nodos centrais em diferentes territórios rompe com a perspectiva de centro único e periferia que comumente surge do romanocentrismo. Assim, o nordeste africano se torna um centro com diferentes conexões, Axum se torna um centro com diferentes conexões, o Iêmen se torna um centro com diferentes conexões e assim por diante. A este fenômeno poderíamos chamar de *Antiguidade Multipolar*, isto é, uma Antiguidade dominada menos por um centro imperial (ou civilizacional) e mais por uma perspectiva global de conectividade. Estes vários centros (multipolaridade) criam redes e sistemas – como este que chamamos aqui de afro-asiático – que podem revelar muito sobre trânsitos políticos, sociais, econômicos, materiais e culturais.

Para fins analíticos, esta Antiguidade Multipolar pode ser “fatiada” em diferentes pedaços que nos permitiram interpretar a realidade de espaços variados sem perder de vista as potências integrativas das redes e dos sistemas. Foi o caso, neste artigo, das porções africanas do Périplo do Mar Eritreu. Vimos que, ao contrário do que poderia se imaginar, uma vasta dimensão da costa oriental africana não apenas fazia parte das rotas comerciais como também travava choques políticos com o sul da Arábia – o caso de Rhapta, assim, é emblemático. Vimos também que Axum já se erguia como um império fundamental na região da Etiópia e Eritreia na figura de Zoscales, e que a atual Somália era pontuada por uma grande quantidade de cidades e empórios. Ademais, foi possível perceber também que, do Egito, todos estes portos eram acessíveis e proviam à região produtos e bens de luxo consumidos desde os períodos faraônicos – o que signifique, talvez, que as cidades portuárias, do sul do Nilo até Zanzibar, eram muito mais antigas do que geralmente se propõe. Isso significa, também, que talvez haja espaço para futuras pesquisas investigarem a relação do Egito (seja ele romano, ptolomaico ou faraônico) não apenas com a Mesopotâmica ou com o Mediterrâneo, como costuma acontecer, mas também com o Mar Vermelho e com o Oceano Índico – na esteira de uma Antiguidade Multipolar ou do sistema afro-asiático.

Recebido: 06/04/2022

Aprovado: 12/09/2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

Burstein, S. (Ed.). (1989). *Agatharchides of Cnidus, on the Erythraean Sea*. The Hakluyt Society.

Casson, L. (Ed.). (1989). *The Periplus Maris Erythraei: Text with Introduction, Translation, and Commentary*. Princeton University Press.

Figuras

Figura 1: PHGCOM (2007). Locations, names and routes of the Periplus of the Erythraean Sea (1st century CE). *Wikimedia Commons* sob licença GNU Free Documentation License.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_of_the_Periplus_of_the_Erythraean_Sea.jpg. Acessado em 05/06/2022.

Figuras 2: Bernhard, Hans (1976). Ägyptische Expedition nach Punt während der Regierung von Hatschepsut. *Wikimedia Commons* sob licença GFDL-CC-BY-SA-all. <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Punt2.JPG>. Acessado em 05/06/2022.

Figuras 3: Seland, E. H. (2016). The Periplus of the Erythraean Sea: A Network Approach. *Asian Review of World Histories*, 4(2), p. 191-205. DOI:10.12773/arwh.2016.4.2.191.

Figura 4: Seland, E. H. (2016). The Periplus of the Erythraean Sea: A Network Approach. *Asian Review of World Histories*, 4(2), p. 191-205. DOI:10.12773/arwh.2016.4.2.191.

Bibliografia Crítica

‘Abdullah, Y. M. (1995). The City of al-Sawā in the Periplus of the Erythraean Sea. *Arabian Archaeology and Epigraphy*, 6(4), p. 259-269.

Arnaud, P. (2012). Le Periplus Maris Erythraei: une oeuvre de compilation aux préoccupations géographiques. *Topoi. Oriente-Occident*, 11, p. 26-61.

Balanda, S. (2006). The so-called “Mine of Punt” and its Location. *Journal of the American Research Center in Egypt*, 42, p. 33-44.

- Bard, Kathryn A. & Fattovich, Rodolfo. (2018). *Seafaring expeditions to Punt in the Middle Kingdom: Excavations at Mersa/Wadi Gawasis*, Egypt. Brill.
- Bard, K. A. & Fattovich, R. (2013). In S. Chrisomalis & A. Costopoulos (Eds.). *Human Expeditions, Inspired by Bruce Trigger* (pp. 3-11). University of Toronto Press.
- Bradbury, L. (1996). Kpn-boats, Punt Trade, and a Lost Emporium. *Journal of the American Research Center in Egypt*, 33, p. 37-60. DOI: 10.2307/40000604.
- Brozyna, J. M. (1999). *The Incense Route: a Study of its Origin and Development* [Dissertação de mestrado não publicada]. San Jose State University.
- Cassol, L. (1986). The location of Tabai (Periplus Maris Erythraei 12–13). *The Journal of Hellenic Studies*, 106, p. 179–182. DOI: 10.2307/629652
- Chami, F. A., & Msemwa, P. J. (1997). A New Look at Culture and Trade on the Azanian Coast. *Current Anthropology*, 38(4), p. 673–677. DOI:10.1086/204654.
- Conrad, S. (2019). *O que é História Global?*. Edições 70.
- Contenson, H. (2010). A cultura pré-axumita. In G. Mokhtar (Ed.). *História Geral da África II: África Antiga* (pp. 351-374). UNESCO.
- Creasman, P. P. (2014). Hatshepsut and the Politics of Punt. *African Archaeological Review*, 31(3), p. 395–405. DOI: 10.1007/s10437-014-9160-9
- Datoo, B. A. (1970). Rhapta: the Location and Importance of East Africa's first Port. *Azania: Archaeological Research in Africa*, 5(1), p. 65–75. DOI: 10.1080/00672707009511528
- Fillafer, F. L. (2017). A world connecting? From the unity of History to Global History. *History and Theory*, 56(1), p. 3–37. DOI: 10.1111/hith.12000
- García, J. C. M. (2016). Trade and Power in Ancient Egypt: Middle Egypt in the Late Third/Early Second Millennium BC. *Journal of Archaeological Research*, 25, p. 87-132.
- Hikade, T. (2006). Expeditions to the Wadi Hammamat during the New Kingdom. *The Journal of Egyptian Archaeology*, 92(1), p. 153–168. DOI: 10.1177/030751330609200105.
- Horton, M. (1990). The Periplus and East Africa. *Azania: Archaeological Research in Africa*, 25(1), p. 95–99. DOI: 10.1080/00672709009511414.
- Huang, H. The Route of Lapis Lazuli: Lapis Lazuli Trade from Afghanistan to Egypt during Mid-Late Bronze Age. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research (ASSEHR)*, 183, p. 391-399.
- Júnior, J. J. G. dos S. & Sochaczewski, M. (2017) História global: um empreendimento intelectual em curso. *Revista Tempo*, 23(3), p. 482-502. DOI: 10.1590/TEM-1980-542X2017v230304.

- Kirwan, L. P. (1986). Rhapsa, Metropolis of Azania. *Azania: Archaeological Research in Africa*, 21(1), p. 99–104. DOI: 10.1080/00672708609511370
- Korotayev, A. V. (1996). *Pre-Islamic Yemen: Socio-political Organization of the Sabaean Cultural Area in the 2nd and 3rd Centuries AD*. Harrassowitz Verlag.
- Manzo, A. (2011). Punt in Egypt and Beyond: Comments on the impact of maritime activities of the 12th Dynasty in the Red Sea on Egyptian crafts with some historical and ideological thoughts. *Ägypten und Levante*, 21, p. 71-85.
- Morales, F. A. & Silva, U. G. da. (2020). História Antiga e História Global: afluentes e confluências. *Revista Brasileira de História* (São Paulo), 40(83), p. 125-150. DOI: 10.1590/1806-93472020v40n83-06.
- O'Connor, D. & Quirke, S. (Eds.). (2003). *Mysterious Lands*. UCL Press.
- Phillips, J. (1997). Punt and Aksum: Egypt and the Horn of Africa. *The Journal of African History*, 38(3), p. 423–457. DOI: 10.1017/s0021853797007068
- Pinto, O. L. V. (2022). A diplomacia das feras: a África ao sul do Saara, o império de Axum e os caminhos para uma Antiguidade Tardia multipolar. *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, 6(2), p. 173–196. DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13931.
- Purcell, N. (2015). Periplus, 'voyages around'. *Oxford Classical Dictionary*.
- Raunig, W. (1970). Die Versuche einer Datierung des Periplus maris Erythraei. *Mitteilungen der anthropologischen Gesellschaft in Wien*, 100, p. 231–42.
- Robin, C. (1991). L'Arabie du Sud et la Date du Périples de la Mer Érythrée (Nouvelles Données). *Journal Asiatique*, 279, p. 1-30.
- Saleh, A.-A. (1973). An Open Question on Intermediaries in the Incense Trade during Pharaonic Times. *Orientalia*, 42, p. 370-382.
- Schoff, W. (2010). *The Eastern Iron Trade of the Roman Empire*. Gorgias Press.
- Seland, E. H. (2016). The Periplus of the Erythraean Sea: A Network Approach. *Asian Review of World Histories*, 4(2), p. 191-205. DOI: 10.12773/arwh.2016.4.2.191.
- Silva, M. C. da (2020). Uma História Global antes da Globalização? Circulação e Espaços Conectados na Idade Média. *Revista de História* (São Paulo), 179, p. 1-19. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.160970.
- Silva, U. G. da. (2019). Outra História Global é possível? Desocidentalizando a História da Historiografia e a História Antiga. *Esboços: Histórias em contextos globais*, 26(43), p. 473-485. DOI: 10.5007/2175-7976.2019.e65429.
- Tomber, R. (2004). Rome and South Arabia: new artefactual evidence from the Red Sea. *Proceedings of the Seminar for Arabian Studies*, 34, p. 351-360.

- Turner, P. J. & Cribb, J. E (2009). Numismatic evidence for the Roman trade with Ancient India. In J. Reade (Ed.). *The Indian Ocean in Antiquity* (pp. 309-320). Routledge.
- Valerian, V. & Chami, F. (2019). In Search of the Lost Metropolis of Azania – Rhapta Continued Research In Misimbo, Rufiji. *Studies in the African Past*, 10.
- Wickramasinghe, C. S. M. (2018). A Study of Anthropological and Ethnographical Information in the Periplus of the Erythraean Sea. *Indian Historical Review*, 45(1), 151–167. DOI: 10.1177/0376983617754114.
- Whitcomb, D. (1996). Quseir al-Qadim and the Location of Myos Hormos. *Topoi*, 6(2), p. 747–742. DOI: 10.3406/topoi.1996.1693.
- Young, G. K. (1997). The Customs-Officer at the Nabataean Port of Leuke Kome (“Periplus Maris Erythraei” 19). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 119, p. 266-268.

**BETWEEN EGYPT AND AZANIA:
AFRO-ASIATIC CONNECTION IN THE PERIPLUS OF THE ERYTHRAEAN SEA**

ABSTRACT

The aim of this article is to analyse the processes of contact and integration between northeast Africa and different regions of Africa and Asia, focusing specifically on an anonymous text from the 1st century AD known as the *Periplus of the Erythraean Sea*. This document, generally read from a romanocentric perspective, will be interpreted with the analytical models of Global History. Hence, this analysis expects to show that the Egyptian ports of the Red Sea were part of an ancestral Afro-Asiatic connective system – of which the Roman Empire was not the creator, but a late participant.

KEYWORDS

Periplus of the Erythraean Sea; Africa; global history; Azania.